

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

DOI: <https://doi.org/10.35168/2176-896X.UTP.Tuiuti.2023.Vol9.N67.pp63-85>



Monique Coelho Cassarotti da Rosa

Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunicação Humana da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Curitiba, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0002-3802-1830>

Ana Martha Massucheto

Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunicação Humana da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Curitiba, PR, Brasil. <https://orcid.org/0009-0009-9830-8997>

Karina Labes da Silva

Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunicação Humana da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Curitiba, PR, Brasil. <https://orcid.org/0000-0001-7013-1688>

Rita de Cassia Tonocchi

Programa de Pós-Graduação em Saúde da Comunicação Humana da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Curitiba, PR, Brasil. Autora correspondente: rita.tonocchi@utp.br, <https://orcid.org/0000-0001-7006-0541>

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

Resumo

Objetivo: analisar a visão de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura e escrita. **Método:** trata-se de uma pesquisa de caráter exploratório, realizada em uma clínica-escola de Fonoaudiologia vinculada a uma Instituição de Ensino Superior localizada no Sul do Brasil. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas com os sujeitos participantes e analisados através de Análise de Conteúdo. Nesse sentido, foram organizados dois eixos: eixo 1: “Visão dos sujeitos a respeito da queixa sobre as dificuldades de leitura e escrita”, dividido em três categorias: motivo do encaminhamento; causa da dificuldade; sentimento diante da dificuldade; eixo 2: “Visão dos sujeitos diante da leitura e da escrita”, teve como objetivo analisar a visão dos sujeitos acerca da leitura e da escrita, dividido em duas categorias: o que referem acerca da leitura; o que referem acerca da escrita. **Resultado:** amostra composta por dez sujeitos, com idade de seis a quatorze anos, cursando entre primeiro e sétimo ano do ensino fundamental. Os discursos dos participantes veiculam uma perspectiva organicista, a qual associa dificuldades de leitura/escrita a aspectos centrados nos sujeitos e de origens orgânica e/ou emocional/comportamental. **Considerações Finais:** constata-se uma discursivização negativa dos participantes sobre os mesmos com relação à queixa referente à linguagem escrita, sendo seus discursos repetições de outras falas, vozes sociais, advindas de outros, como professor(a) e/ou responsáveis. Sob uma perspectiva embasada em análise dialógica do discurso, essa queixa pode ser compreendida a partir de reflexões que consideram historicidade da linguagem, função da escrita, assim como contexto social e interações verbais, os quais concretizam o uso da linguagem que envolvem, necessariamente, o eu e o outro.

Palavras-chave: Linguagem Infantil. Transtorno de Aprendizagem Específico. Transtornos da Linguagem. Fonoaudiologia.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

Abstract

Objective: to analyze subjects' views on complaints related to reading and writing disorders. **Method:** this is an exploratory research, carried out in a Speech Therapy school clinic linked to a University located in the South of Brazil. Data were collected through semi-structured interviews carried out with the participating subjects and analyzed using Content Analysis. In this sense, two axes were organized: axis 1: "Subjects' view regarding the complaint about reading and writing difficulties", divided into three categories: reason for referral; cause of the difficulty; feeling in the face of difficulty; axis 2: "Subjects' view of reading and writing", aimed to analyze the subjects' view of reading and writing, divided into two categories: what they say about reading; what they say about writing. **Result:** sample composed of ten subjects, aged between six and fourteen years old, studying between the first and seventh year of elementary school. The participants' speeches convey an organicist perspective, which associates reading/writing difficulties with subject-centered aspects and organic and/or emotional/behavioral origins. **Final Considerations:** there is a negative discursivization of the participants about themselves in relation to complaint regarding written language, with their speeches being repetitions of other speeches, social voices, coming from others, such as teachers and/or guardians. From a perspective based on dialogic discourse analysis, this complaint can be understood based on reflections that consider the historicity of language, the function of writing, as well as social context and verbal interactions, which materialize the use of language that necessarily involves the me and the other.

Keywords: Child Language. Specific Learning Disorder. Language Disorders. Speech, Language and Hearing Sciences.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

Introdução

A prática fonoaudiológica começou a se estruturar no Brasil em 1930, a fim de tratar os chamados desvios da fala ou distúrbios da comunicação, os quais eram assim considerados devido a erros cometidos pelos imigrantes no uso da língua portuguesa. Tal fato decorre do de que, na época, o objetivo do Estado era padronizar a língua portuguesa e torná-la a língua oficial do país, pois, segundo os nacionalistas, o português brasileiro estava sendo contaminado pela diversidade linguística e cultural dos imigrantes, uma vez que esses utilizavam suas línguas maternas ou dialetos para comunicar (BERBERIAN, 1995).

Diante desta situação, o governo elegeu o ambiente escolar para tratar os distúrbios da comunicação, surgindo, então, o acompanhamento escolar realizado por profissionais de saúde e educação, voltado para os desvios da fala e tido como um modelo higienista de educação. Com foco na eliminação desses distúrbios, tal modelo contribuiu para a formação das primeiras propostas de atuação fonoaudiológica no contexto escolar, que apresentavam caráter preventivo, reabilitador e curativo, com o foco em habilitar ou reabilitar os distúrbios da comunicação (TRENCHÉ; SEBASTIÃO; NASCIMENTO, 2014).

Atualmente, vários profissionais das áreas de saúde e educação encaminham crianças com supostos distúrbios de leitura e escrita para avaliação e acompanhamento fonoaudiológico (BELIDO; BERBERIAN; MASSI, 2017; Berberian; Bortolozzi; Massi; Biscouto; Enjiu; Oliveira, 2013; SIGNOR, 2011), motivados, prioritariamente, pelo fato de essas crianças não corresponderem às expectativas da escola no que se refere ao aprendizado dos aspectos normativos da língua portuguesa e, em especial, por apresentarem manifestações ortográficas fora do padrão (SIGNOR; SANTANA, 2011; ROSA GOMES; PEDROSO, 2012).

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

É preciso esclarecer que, em geral, o processo terapêutico fonoaudiológico parte de concepções empregadas por parte do profissional fonoaudiólogo. Portanto, para o que e como se pode olhar para a linguagem dependerá da concepção de linguagem adotada por esse profissional. Segundo Chacon (2020), o referencial teórico que sustenta tal olhar para a linguagem é que fornecerá a lente de observação sobre essa. Assim, direciona-se para tendência teórico-metodológica que aborda dificuldades de aprendizagem, verificando-se pesquisadores, denominados neste estudo como organicistas, que alegam que os chamados distúrbios de leitura e/ou escrita estão centrados no sujeito aprendiz, ou seja, comumente relacionam tais distúrbios a aspectos individuais e, assim, decorrentes de determinações orgânicas, fisiológicas e/ou emocionais (MEIRA, 2012). Nesse sentido, tendem a desconsiderar históricos quanto à relação das crianças com leitura e escrita (SIGNOR, 2015).

Dentre os apontamentos da escola que caracterizam as dificuldades na linguagem escrita, é frequente o encaminhamento de crianças que apresentam ocorrências ortográficas fora do padrão, como trocas, omissões, junções e aglutinações de letras, confusão entre letras de formas vizinhas, confusão de letras que remetem a sons foneticamente semelhantes, omissão de letras e/ou sílabas, adição de letras e/ou sílabas, união de uma ou mais palavras e/ou divisão inadequada de vocábulo (MASSI; SANTANA, 2011), além do fato de essas crianças transferirem para escrita, aspectos fonêmicos próprios da linguagem oral (TONOCCHI; BERBERIAN; MASSI, 2008).

Entretanto, ocorrências ortográficas, como trocas, inversões e aglutinações na escrita, podem ser compreendidas como manifestações previsíveis no processo de apropriação, demonstrando atitudes de análise e reflexões sobre a língua (MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2012). Já quanto à queixa de problemas na linguagem escrita decorrentes da oralidade, considera-se que os encaminhamentos de crianças para a clínica fonoaudiológica, ocorrem frente ao desconhecimento, por parte de alguns profissionais, de que escrita e fala são duas modalidades de linguagem com

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

códigos próprios, distintos e articulados, ou seja, respectivamente, a primeira não é transcrição literal da segunda (TONOCCHI; BERBERIAN; MASSI, 2008). Assim, apesar de os encaminhamentos para atendimento clínico serem motivados, muitas vezes, por queixas de linguagem oral relacionadas com a escrita (DINIZ; BORDIN, 2011), alterações cometidas pelas crianças no processo de apropriação da linguagem oral não necessariamente interferem na escrita (MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2012).

Por outro lado, há outra tendência teórico-metodológica, subjacente a uma abordagem dialógica do discurso, a qual aponta que muitas crianças chegam à clínica fonoaudiológica marcadas por uma posição negativa com relação às experiências com leitura/escrita e, desse modo, com baixa autoestima no que diz respeito à aprendizagem (Mazzarotto; Berberian; Massi; Cunha; Tonocchi; Barbosa, 2016). Muitas dessas crianças, não compreendem por qual motivo foram encaminhadas para atendimento fonoaudiológico e relatam sentimentos de frustração e desestímulo no que se refere a tais experiências, bem como com a vida escolar, encontrando-se em estado de sofrimento com práticas relacionadas à linguagem escrita (SIGNOR, 2013). Essa segunda tendência denuncia que é comum que crianças que não seguem padrões esperados e propostos pela escola sejam rotuladas como as que apresentam distúrbios de linguagem escrita (MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016).

Portanto, uma abordagem embasada na análise dialógica do discurso considera como hipótese o uso individual da escrita pelos sujeitos e o que é classificado como distúrbio de aprendizagem como parte do processo de apropriação da escrita. Desse modo, a linguagem escrita não é concebida como um código fixo a ser adquirido e reproduzido, mas sim como um processo de reflexão sobre a língua, que coloca a criança em interação com seu interlocutor e com a própria língua (SIGNOR, 2015; TONOCCHI; BERBERIAN; MASSI, 2008; MASSI, BERBERIAN; CARVALHO, 2012). À vista disso, destaca-se que a linguagem é constituída através de relações sociais e históricas entre

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

os sujeitos, sendo primordiais as relações entre a criança e outros, como os membros familiares (DEL RÉ; HILÁRIO; VIEIRA, 2021). A família é considerada como fundamental na história de relação que a criança estabelece com a linguagem, uma vez que a visão que os pais têm acerca das dificuldades referentes à linguagem escrita tem papel determinante na constituição do vínculo que a criança estabelece com esta modalidade de linguagem (MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016).

Ressalta-se, assim, a relevância em conceber a linguagem enquanto trabalho social e interacional que articula dimensões individuais e sociais, uma vez que ler e escrever é possível a partir da interação entre locutor e interlocutor dentro de um contexto social, o que requer várias capacidades linguístico-discursivas que permitem a construção de sentidos do texto (SIGNOR, 2013). Aliás, manifestações como trocas, inversões e aglutinações na escrita, que evidenciam atitudes de análise sobre a língua, podem ser abordadas a partir de produção discursiva, ou seja, a partir da produção de textos, o que possibilita que a ortografia convencional ganhe função para a criança e passe a ser foco de sua atenção e reflexão, uma vez que ela necessita e deseja ser entendida pelo outro, leitor (MASSI; SANTANA, 2011; Massi; Signor; Berberian; Munhoz; Guarinello; Krüger; Souza; Santos, 2009).

A despeito disso, verifica-se que, muitas vezes, a escola apresenta mecanismos de controle sobre a produção textual dos estudantes, não permitindo autoria diante de textos elaborados, e, comumente, desconsiderando questões discursivas da linguagem escrita. Isto posto, em geral, fixa-se nos sistemas gráfico e ortográfico da língua portuguesa, enfatizando, assim, erros, na busca de garantir boas notas nas avaliações (GERALDI, 2013).

Nessa direção, salienta-se que o processo de avaliação de linguagem escrita torna-se simplista e reducionista, em geral, abrangendo testes com procedimentos fechados, tarefas descontextualizadas, atividades metalinguísticas e que designam o sistema de classificações da gramática tradicional

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

normativa, como por exemplo, atividades que envolvam ditado, cópia, completar frases, bem como leitura e repetição de palavras isoladas (SANTANA, 2001).

Em um contexto mecanicista, como o proporcionado pelo uso de testes padronizados, é comum que as crianças sejam classificadas, rotuladas com problemas na linguagem escrita e, assim, estigmatizadas como más leitoras e escritoras, o que muitas vezes resultam em rejeição para ler e produzir textos (SIGNOR, 2015).

Diante dessa situação e da alta demanda de encaminhamentos de crianças com dificuldade de leitura e/ou escrita para avaliação e acompanhamento em clínicas fonoaudiológicas, este estudo baseou-se em uma perspectiva tomada por análise dialógica do discurso, a qual considera a linguagem como um trabalho social e interacional, que se dá por meio da concretização e da prática em situações de uso efetivo, envolvendo o eu e o outro. A modalidade de linguagem escrita passa a ser entendida, então, como um trabalho discursivo e, portanto, social e histórico (MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016). A partir dessa perspectiva, entende-se que a linguagem escrita é concebida como constitutiva dos sujeitos e das relações sociais, e que sua apropriação decorre da qualidade das mediações estabelecidas entre criança, adultos e discursos escritos (MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2012). A partir disso, delimitou-se como objetivo deste trabalho, analisar a visão de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura e escrita.

Método

Trata-se de um estudo de natureza exploratória, aprovado pelo Comitê de Ética em Seres Humanos sob número de parecer 1.581.380. Por tratar-se de entrevistas com crianças, todos os responsáveis assinaram Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e, na sequência, foi

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

apresentado Termo de Assentimento às crianças participantes, que o assinaram. A pesquisa foi realizada numa clínica-escola de Fonoaudiologia vinculada a uma Instituição de Ensino Superior localizada no Sul do Brasil

Para seleção dos participantes da pesquisa foram adotados como critérios de inclusão: apresentar idade até 18 anos na época da coleta de dados; apresentar encaminhamento para avaliação e atendimento fonoaudiológico da escola ou de profissional da área da saúde; apresentar queixa referente à dificuldade de leitura e/ou escrita; cursar ensino fundamental regular; ter iniciado o ciclo escolar de alfabetização; não ter realizado acompanhamento fonoaudiológico ou psicopedagógico, anteriormente; estar em lista de espera para atendimento fonoaudiológico na referida clínica escola ou ter iniciado atendimento fonoaudiológico em tal clínica escola há menos de um mês. Como critérios de exclusão: sujeitos que apresentavam patologias de origem genética, neurológica e/ou adquirida, maiores de 18 anos.

Com relação às entrevistas com os sujeitos que estavam na lista de espera, inicialmente, os pesquisadores realizaram contato via telefone com os responsáveis, quando foi explanado sobre a pesquisa, seus objetivos, propostas e conteúdo. Os responsáveis, então, foram convidados a participar do estudo e, nos casos de aceite, a conversa com o participante/sujeito foi agendada na clínica escola.

Nos casos dos sujeitos que estavam em acompanhamento fonoaudiológico, primeiramente, a pesquisadora buscou informações a respeito dos que se incluíam nos critérios de inclusão para participar deste estudo com as estagiárias/terapeutas responsáveis por tal acompanhamento. A partir dessas informações, os responsáveis foram abordados na sala de espera da clínica-escola, quando foram informados a respeito da pesquisa, esclarecidos acerca de seus objetivos, propostas e conteúdo, e então, convidadas as crianças a participarem. A partir dos aceites, os encontros com os participantes/crianças foram agendados na própria clínica-escola nos momentos dos atendimentos fonoaudiológicos.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

Para a coleta de dados, foram gravadas entrevistas semiestruturadas individuais, orientadas por meio de um roteiro pré-estabelecido e composto por cinco questões: Você sabe o que veio fazer na clínica de fonoaudiologia? Por que você acha que tem essa dificuldade? Como você se sente com relação a essa dificuldade? Conte como você lê. Conte como você escreve.

Os dados coletados e gravados foram analisados pela abordagem Análise de Conteúdo (BARDIN, 2011), a partir da qual foram identificados dois eixos temáticos. O primeiro eixo foi subdividido em três categorias e o segundo, em duas categorias, conforme abaixo descritos.

O Eixo 1: “Visão dos sujeitos a respeito da queixa sobre as dificuldades de leitura e escrita”, objetivou analisar a visão dos sujeitos acerca da queixa que os levou ao encaminhamento fonoaudiológico. Tal eixo foi dividido em três categorias: motivo do encaminhamento; causa da dificuldade; sentimento diante da dificuldade.

Já o Eixo 2: “Visão dos sujeitos diante da leitura e da escrita”, teve como objetivo analisar a visão dos sujeitos acerca da leitura e da escrita, sendo dividido em duas categorias: o que referem acerca da leitura; o que referem acerca da escrita.

Resultados

A amostra foi composta por dez sujeitos, oito do sexo masculino e dois do feminino, faixa etária entre seis e 14 anos; oito frequentavam instituição escolar pública e dois, instituição privada; cursavam entre o primeiro e o sétimo ano do ensino fundamental; dois já haviam reprovado algum ano do ensino escolar. Cabe esclarecer que os sujeitos entrevistados foram tratados, neste estudo, como P (participante), sendo, por isso, apresentados P1 a P10.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

Quadro 1 - Perfil da população do estudo

Participante	Sexo	Idade	Responsável	Escola	Ano Letivo	Reprovação escolar
1	M	6	Mãe	Municipal	1º ano	Não
2	F	7	Mãe	Municipal	2º ano	Não
3	M	11	Mãe	Municipal	5º ano	Não
4	M	7	Mãe	Municipal	2º ano	Não
5	M	9	Pai	Particular	4º ano	Não
6	M	12	Avô	Estadual	7º ano	Não
7	M	14	Avô	Particular	6º ano	Sim
8	M	11	Mãe	Municipal	5º ano	Não
9	M	9	Mãe	Municipal	3º ano	Sim
10	F	8	Mãe	Municipal	3º ano	Não

Fonte: os autores.

Na sequência, apresenta-se trechos de enunciados dos sujeitos participantes relacionados aos eixos e suas categorias elencados nesta pesquisa

EIXO 1: VISÃO DOS SUJEITOS A RESPEITO DA QUEIXA SOBRE AS DIFICULDADES DE LEITURA/ESCRITA

Categoria 1: Motivo do encaminhamento

“Algumas coisas em falto errado” (P1).

“Para conseguir aprender a escrever melhor” [...] “Saber escrever sem escrever errado” [...] “Às vezes a

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

minha mãe fala que tá errado, às vezes é a minha professora” (P3).

“Para conseguir ler e escrever” (P4).

“Eu escrevo errado e tenho que melhorar a letra”(P7).

“A mãe disse que eu preciso vir para ficar mais esperto, para não reprovar de novo” (P9).

“O pai conversou com a professora e ela disse que eu precisava ir numa fono para escrever rápido e certo” (P10).

Categoria 2: Causa da dificuldade

“Porque eu sou pequena, mas quando eu ficar grande vou saber ler sozinha” (P2).

“Por causa do cérebro, ele quem manda nas coisas” (P3).

“Porque eu esqueço muito” (P5).

“Porque eu acho que quando eu era pequeno minha mãe e meu pai não pegavam muito no meu pé quando eu falava errado” [...] “Parece que eu tenho a língua presa” (P6).

Categoria 3: Sentimento diante da dificuldade

“Normal, porque agora já me acostumei” (P3).

“Ruim, mal” (P4).

“Parece que as pessoas conseguem fazer mais coisas do que eu, que são mais inteligentes” (P6).

“Triste” (P7).

“Às vezes eu fico irritado” (P9).

“Nervosa, vem uma força que me empurra para o lado e eu não consigo escrever” (P10).

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

EIXO 2: VISÃO DOS SUJEITOS DIANTE DA LEITURA E DA ESCRITA

Categoria 1: O que referem acerca da leitura

“Eu não sei ler” (P1).

“Só sei ler com a ajuda da minha mãe” (P2).

“Eu leio pouco, mas na escola eu leio bastante. [...] Minha mãe e minha professora dizem que eu tenho que treinar mais em casa e na escola, porque eu estou meio devagar na leitura” (P3).

“Parece que eu fico muito para trás, que eu sou lerdo, que eu não consigo pensar” (P6).

“A professora fala só para eu melhorar. E disse para estudar mais em casa a leitura” [...] “Eu só percebo que minha leitura é ruim” (P8).

“É de boa, consigo ler bastante, já li o Diário de um banana, inteiro e meu pai continua falando para eu ler mais” (P10).

Categoria 2: O que referem acerca da escrita

“Algumas vezes eu faço errado, algumas vezes a profe deixa de qualquer jeito, mas se errar com lápis de cor ferrou-se, lápis grafite a borracha apaga. Ela apaga todas as letras, quando eu faço errado” [...] “Tem que fazer certo e não pode sair da linha, a minha letra é dentro da linha” (P1).

“Já sei escrever tudo qualquer palavra, só que tem que colocar no quadro pra fazer.” [...] “Eu copio tudo rápido” (P2).

“Eu não consigo escrever sozinho” [...] “Copio, mas quando ela fala alguma coisa para escrever sozinho eu não consigo escrever” (referindo à professora) (P4).

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

“As minhas antigas professoras, do segundo, terceiro, quarto e quinto ano falavam que eu escrevo errado” [...] “A minha letra é feia e grande, usa bastante espaço e tem bastante garrancho” [...] “Garrancho são riscos que não têm na palavra” (P7).

“A professora diz que eu tenho que melhorar a letra, deixar mais bonita, ela diz: capricha nessa letra” (P9).

Discussão

Com relação à análise dos dados do eixo 1 - “Visão dos sujeitos a respeito da queixa sobre as dificuldades de leitura e escrita” / categoria 1 - ‘Motivo do encaminhamento’, podemos constatar que a visão a respeito do motivo do encaminhamento fonoaudiológico relatado com maior frequência pelos participantes está relacionado à linguagem escrita, *“Eu escrevo errado e tenho que melhorar a letra” (P7)*. Os relatos chamam a atenção, em especial, para os erros ortográficos cometidos durante a escrita e a questão de lidar com forma gráfica da letra como letra bonita ou feia, trocas de letras, uso inadequado de pontuação e de letras maiúscula e minúscula. Acerca disso, aponta-se que a valorização dos aspectos formais da escrita, ou seja, referentes à sistematização do uso das letras, e à produção gráfica, decorre do entendimento de que o domínio dos processos de codificação e decodificação do sistema gráfico é necessário para que o sujeito avance no processo de produção textual (TONOCCHI; BERBERIAN; MASSI, 2008; MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016).

As questões relacionadas aos erros ortográficos e à forma gráfica da letra, quando analisadas a partir de uma perspectiva organicista, podem ser consideradas um dos principais motivos do encaminhamento para terapia fonoaudiológica, pois as manifestações ortográficas fora do padrão são consideradas como sintoma da dificuldade com a linguagem escrita (MASSI; SANTANA, 2013; MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2012). No entanto, quando analisamos as ocorrências tidas

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

como erros na escrita a partir da perspectiva da análise dialógica do discurso, que compreende a linguagem escrita como um trabalho discursivo e, portanto, social e histórico, essas ocorrências são tratadas como manifestações que fazem parte do processo de apropriação da escrita (TONOCCHI; BERBERIAN; MASSI, 2008).

As trocas na fala foram outro motivo de encaminhamento para acompanhamento fonoterapêutico, uma vez que os preceitos autoritários e homogeneizantes do falar bem ecoam em diversas esferas do cotidiano, como no ambiente escolar. O imaginário sobre o bem falar é muito forte na sociedade de maneira que esse ambiente escolar não se liberta de uma visão reducionista de linguagem e acaba por sobrecarregar as crianças com discursos acerca de sintomas e erro (NASCIMENTO; BRAIT, 2016). Nessa direção, salienta-se que a escrita não se trata de representação da fala, visto que a conversão som/letra não segue uma regularidade, isto é, uma unidade sonora pode ter mais de uma representação gráfica e uma unidade gráfica pode ter mais de um valor no sistema, representando outras unidades sonoras, a fala se distingue da escrita por diversos aspectos como presença/ausência do interlocutor e elementos prosódicos (MASSI; SANTANA, 2011; MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2016).

Referente às possíveis causas da dificuldade de leitura e/ou escrita pontuadas pelos participantes no eixo 1 / categoria 2 - 'Causa da dificuldade', pode-se considerar que os discursos apresentados, incorporaram vozes sociais que veiculam uma perspectiva organicista acerca da causa dessa dificuldade, pois a maioria das crianças associa a queixa a aspectos individuais e de origem orgânica/fisiológica, como na fala *"Por causa do cérebro, ele quem manda nas coisas"* (P3). Dessa maneira, quando as dificuldades de aprendizagem são avaliadas a partir de uma visão organicista, o distúrbio está centrado no sujeito aprendiz, sendo um problema que, supostamente, ocorre de maneira individual por determinações orgânicas, fisiológicas, cognitivas e emocionais (MASSI; SANTANA, 2011; MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2012). De acordo com uma pesquisa, a respeito de concepções subjacentes às queixas relacionadas com linguagem escrita e explicações acerca do fracasso escolar, 67% dos estudos levantados relacionavam problemas no âmbito da aprendizagem

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

a fatores de ordem individual do aluno, bem como da família e/ou do professor (LEONARDO; LEAL; ROSSATO, 2015).

Portanto, aspectos como problemas físicos, incapacidade de manter atenção e concentração, déficit em memória e em habilidades sociais, assim como psicológicas/comportamentais, vêm sendo associados com dificuldades no contexto escolar (MAZER; BELLO; BAZON, 2009), uma vez que, em geral, são concebidos e tratados, comumente, por profissionais das áreas da saúde e da educação ao longo da história, especialmente, da Fonoaudiologia, o que remete a sua constituição enquanto prática voltada a distúrbios da comunicação (BRAY, 2011).

Com relação ao eixo 1 / categoria 3 - ‘Sentimento diante da dificuldade’, a análise dos dados aponta que muitos deles apresentam uma relação de sofrimento com as práticas de leitura e/ou escrita, como nas falas: “*triste*” (P7), “*Às vezes eu fico irritado*” (P9). O fato de o sujeito receber um pré-diagnóstico, realizado pela escola, de suposto distúrbio de leitura e/ou escrita, pode levá-lo a desenvolver uma relação de sofrimento com a modalidade de linguagem escrita, com a escola e, às vezes, com ele próprio, pois passa a considerar-se como incapaz diante dessa modalidade de linguagem (MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016).

Diante disso, o profissional fonoaudiólogo deve acolher a demanda de sofrimento do sujeito, constituindo-se como interlocutor qualificado, que oferece ao sujeito aprendiz a possibilidade de refletir sobre sua própria linguagem, nos diversos ambientes sociais pelos quais ele circula, ampliando através do diálogo o repertório discursivo, comunicacional e linguageiro, objetivando amenizar o seu sofrimento diante de práticas de leitura e/ou escrita (SIGNOR, 2011; NASCIMENTO; BRAIT, 2016).

O eixo 2: “Visão dos sujeitos diante da leitura e da escrita”, está organizado em duas categorias: categoria 1 - ‘O que referem acerca da leitura; categoria’; 2 - ‘O que referem acerca da escrita’.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

Em relação à percepção dos participantes acerca da própria leitura, eixo 2 / categoria 1, constata-se que os discursos se apresentam como espelho das falas do outro, como de professor(a), pai ou mãe, conforme apresentado na fala “*Minha mãe e minha professora dizem que eu tenho que treinar mais em casa e na escola, porque eu estou meio devagar na leitura*” (P3).

Destaca-se o impacto das vozes sociais no discurso desses sujeitos e, também percebe-se que, comumente, o outro não está interessado se o sujeito está compreendendo e interpretando o texto que está sendo lido, e sim, na maneira como lê, como rápido, devagar, silabado. A leitura, assim como a escrita, também é uma atividade discursiva, o ato de ler é marcado pela interlocução, pois possibilita um encontro coletivo do escritor com o leitor, no qual é por meio das palavras do escritor que o leitor constrói os sentidos, que possibilitam a contraposição de visões a respeito do mundo, e, desse modo, descobre novas formas de pensar (MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016).

A partir das informações agrupadas sobre o que referem acerca da escrita, eixo 2 / categoria 2, os relatos chamam a atenção, em especial, para a importância que os sujeitos dão aos erros ortográficos cometidos, para a forma gráfica da letra como letra bonita ou feia, trocas de letras, uso inadequado de pontuação e de letra maiúscula e minúscula.

Tais maneiras de pensar na escrita podem ter relação com a maneira como a escola lida com essa modalidade de língua, ou seja, aplicando testes padronizados ancorados em atividades metalinguísticas que avaliam os erros e os acertos e tratam os sujeitos como se todos fossem iguais, desconsiderando singularidade e história dos mesmos (MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2012; SIGNOR, 2013). Verifica-se que, geralmente, a avaliação realizada no ambiente escolar desconsidera questões discursivas da linguagem escrita, ressaltando, no que se refere a erro, forma da letra e compromisso em escrever corretamente (SANTANA; SANTOS, 2017). Em contrapartida, esses supostos erros, quando avaliados por uma perspectiva embasada na análise dialógica do discurso

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

são considerados hipóteses que ocorrem a partir da reflexão do sujeito sobre a língua, durante a apropriação da linguagem (MASSI; BERBERIAN; CARVALHO, 2012; MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016).

Verifica-se, também, nos discursos dos sujeitos participantes que há uma apreensão dos mesmos a respeito de que trocas na modalidade oral são transferidas para escrita. Tal fato provavelmente decorre do que é posto, especialmente, por profissionais da educação e da saúde, os quais muitas vezes relacionam escrita e oralidade como se uma fosse transcrição da outra (TONOCCHI; BERBERIAN; MASSI, 2008).

Observa-se que os participantes relacionam as práticas de linguagem escrita a estratégias mecanicistas, *“Eu não consigo escrever sozinho” [...] “Copio, mas quando ela fala alguma coisa para escrever sozinho eu não consigo escrever” (referindo à professora) (P4)*, ou seja, atividades metalinguísticas que tornam o sujeito passivo diante da linguagem, pois ele só precisa memorizar recortes da escrita e transformá-los em uma atividade mecânica, sem qualquer função comunicativa (SANTANA; SANTOS, 2017). Consequentemente, tais estratégias não permitem estabelecer uma relação dialógica com outro, não contemplando a complexidade do processo de apropriação da linguagem escrita tal qual concebida neste estudo, ou seja, uma atividade discursiva, interacional, social e histórica.

Nessa direção, entende-se que as práticas de linguagem escrita devem ser pautadas por um trabalho social e histórico, estabelecido em situações de uso e função comunicativa efetivos, em atividades dialógicas que se concretizam a partir do texto escrito e que envolvam, necessariamente, o eu e o outro (GERALDI, 2013).

A partir dos dados apresentados pelos participantes deste estudo, a respeito da queixa de dificuldade de leitura e/ou escrita, constata-se que os discursos deles são repetições de outras falas, vozes sociais, advindas de outros, como professor(a), pai e/ou mãe.

Diante disso, a perspectiva embasada na análise dialógica do discurso, que norteia este estudo, considera que é em meio às vozes sociais que a consciência do sujeito é constituída. Sendo assim,

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

o sujeito é constitutivamente dialógico e a apreensão do mundo sempre ocorre historicamente, pois o sujeito está sempre em relação com o outro, apreendendo as vozes sociais que constituem a realidade em que está imerso, a partir das relações dialógicas, por meio de interações sociais, discurso do outro e relação com esse outro (GERALDI, 2013).

Dado o exposto, considera-se que a análise dos dados referentes aos dez participantes revelou uma discursivização negativa dos mesmos com relação à queixa apresentada, pois os enunciados trazidos pelos entrevistados remetem a falas de pais, professores(as), ou seja, incorporação das vozes sociais que circulam no meio que estão inseridos (MAZZAROTTO; BERBERIAN; MASSI; CUNHA; TONOCCHI; BARBOSA, 2016).

Nessa perspectiva, cabe à área fonoaudiológica atuar a partir de uma perspectiva dialógica com a ressignificação dos discursos e vivências dos sujeitos marcados pelo estigma da incapacidade de linguagem e, assim, possibilitar a construção de novos sentidos e vivências mediadas pela modalidade escrita através de um trabalho voltado para o uso da língua em contextos de sentido e significados, com uso e função comunicativa determinante (SIGNOR, 2015).

A visão da queixa sobre a dificuldade de leitura e/ou escrita, por uma aceitação que considera análise dialógica do discurso, resulta em reflexões que consideram historicidade da linguagem, situações efetivas de uso da escrita, bem como contexto social das interações verbais (NASCIMENTO; BRAIT, 2016).

Considerações Finais

Diante da alta demanda de encaminhamentos à clínica fonoaudiológica devido a dificuldades na linguagem escrita, esta pesquisa investigou a visão de sujeitos a respeito da queixa relacionada a distúrbio de leitura/escrita, a partir de análise dialógica do discurso. A linguagem, então, é tomada

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

como atividade dialógica, constitutiva do sujeito, resultante de um trabalho histórico, coletivo, permanente e inconclusivo, realizado por sujeitos organizados socialmente em diferentes situações de interação.

A partir dos dados deste estudo a respeito da queixa de dificuldade de leitura e/ou escrita, constata-se uma discursivização negativa dos participantes sobre os mesmos com relação a essa queixa, sendo seus discursos repetições de outras falas, vozes sociais, advindas de outros, como professor(a) e/ou responsáveis. Desse modo, entende-se que a partir de uma abordagem que discorre acerca de uma análise dialógica do discurso, o sujeito que apresenta queixa quanto à linguagem escrita tem a possibilidade de ressignificar suas supostas dificuldades, bem como sua posição frente a esta modalidade de linguagem, o que lhe permitirá assumir o papel de leitor, escritor e autor. Nesse sentido, o contexto clínico fonoaudiológico contribuirá para a formação de cidadãos ativos e críticos.

Conclui-se, reiterando a necessidade de estudos que abordem a problemática acerca da queixa de dificuldade de leitura e/ou escrita e seus impactos nos sujeitos, assim como a ressignificação dessa queixa a partir de uma perspectiva dialógica.

Referências

- BARDIN L. **Análise de Conteúdo**. 2ª ed. São Paulo: Edições 70, 2011.
- Berberian, A. P. **Fonoaudiologia e Educação: Um Encontro Histórico**. 2ª ed. São Paulo: Plexus Editora; 1995.
- BERBERIAN, A. P.; BORTOLOZZI, K.; MASSI, G.; BISCOUTO, A. G.; ENJIU, A. J.; OLIVEIRA, K. **Análise do conhecimento de professores atuantes no ensino fundamental acerca da linguagem escrita na perspectiva do letramento**. Rev CEFAC, 15(16) 42-35, 2013.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

- BRAY, C. T.; LEONARDO, N. S. T. **As queixas escolares na compreensão de educadoras de escolas públicas e privadas.** *Psicol. Esc. Educ.*,15(2): 251-261, 2011.
- CHACON, L. **Subsídios linguístico-discursivos para a avaliação de linguagem.** In: GIACHETTI, C. M. *Avaliação da fala e da linguagem: perspectivas interdisciplinares em Fonoaudiologia.* Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, parte I - Linguagem e Interdisciplinaridade, p. 83-104, 2020.
- DEL RÉ, A.; HILÁRIO, R. N.; VIEIRA, A. J. **A linguagem da criança na concepção dialógico-discursiva: retrospectiva e desafios teóricos-metodológicos para o campo de Aquisição da Linguagem.** *Bakhtiniana*, 16 (1): 12-38, 2021.
- DINIZ, R. D.; BORDIN, R. **Demanda em fonoaudiologia em um serviço público municipal da região Sul do Brasil.** *Rev Soc Bras Fonoaudiol.*, 16(2): 126-131, 2011
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem.** 5ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- LEONARDO, N. S. T.; LEAL, Z. F. R. G.; ROSSATO, S. P. M. **A naturalização das queixas escolares em periódicos científicos: contribuições da Psicologia Histórico-Cultural.** *Psicol. Esc. Educ.*, 19(1): 163-171, 2015,
- MASSI, G.; SIGNOR, R.; BERBERIAN, A. P.; MUNHOZ, C. M. A.; GUARINELLO, A. C.; KRÜGER S.; SOUZA, C. H. F. A.; SANTOS, M. R. R. **Análise de elementos de referenciação em textos produzidos por sujeitos em processo de apropriação da escrita.** *Dist. Comun.*, 21(2): 169-178, 2009.
- MASSI, G.; SANTANA, A. P. **A desconstrução do conceito de dislexia: conflitos entre verdades.** *Paidéia*, 21(50): 403-411, 2011.
- MASSI, G.; BERBERIAN, A. P.; CARVALHO, F. **Singularidades na apropriação da escrita ou diagnóstico de dislexia?** *Dist Comun.*, 24(2): 257-267, 2012.
- MAZER, S. M.; BELLO, A. C. D.; BAZON, M. R. **Dificuldades de aprendizagem: revisão de literatura sobre os fatores de risco associados.** *Psic. da Edu.*, 28: 7-21, 2009.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

- MAZZAROTTO, I. H. E. K.; BERBERIAN, A. P.; MASSI, G.; CUNHA, J. T.; TONOCCHI, R.; BARBOSA, A. P. B. **Encaminhamentos escolares de crianças com dificuldades na escrita: uma análise da posição adotada pela família.** Rev. CEFAC, 18(2): 408-416, 2016.
- MEIRA, M. E. M. **Para uma crítica da medicalização na educação.** Psicol. Esc. Educ.,16(1): 13-142, 2012.
- NASCIMENTO, V.; BRAIT, B. **Reflexões dialógicas sobre a clínica da linguagem.** In: Montenegro, A. C. A. ; Barros, I. B. R. ; Azevedo, N. P. S. G. Fonoaudiologia e linguística teoria e prática. Curitiba: Appris, 139-155, 2016.
- ROSA, C. C.; GOMES, E.; PEDROSO, F. S. **Aquisição do sistema ortográfico: desempenho na expressão escrita e classificação dos erros ortográficos.** Rev CEFAC, 14(1): 39-45, 2012.
- SANTANA, A. P. **A Linguagem na Clínica Fonoaudiológica: Implicações de uma abordagem discursiva.** Dist Comun, 13(1): 161-174, 2001.
- SANTANA, A. P.; SANTOS, K. P. **Perspectiva enunciativo-discursiva de Bakhtin e a análise da linguagem na clínica fonoaudiológica.** Bakhtiniana. 12 (2): 174-190, 2017.
- SIGNOR, R. **Os gêneros do discurso como proposta de ação fonoaudiológica voltada para sujeitos com queixas de dificuldades de leitura e escrita.** Bakhtiniana, 1(5): 71-54, 2011.
- SIGNOR, R. C. F. **Transtorno de Déficit de Atenção/ Hiperatividade: uma análise histórica e social.** Rev Bras Linguist Apl., 13(4): 1166-1145, 2013.
- SIGNOR, R. C. F. **Escrever é reescrever: desenvolvendo competências em leitura e escrita no contexto da clínica fonoaudiológica.** Rev Bras Linguist Apl., 13(1): 123-43, 2013.
- SIGNOR, R. C. F., SANTANA, A. P. **A outra face do Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.** Dist Comum, 27(1): 39-54, 2015.
- TONOCCHI, R. C.; BERBERIAN, A. P.; MASSI, G. A. **A Escrita de sujeitos portadores de fissura lábio-palatina.** Tuiuti: Ciência e Cultura, 39: 41-62, 2008.

Autopercepção de sujeitos sobre queixas relacionadas a distúrbios de leitura/escrita

TRENCHÉ, M. C. B.; SEBASTIÃO, L. T.; NASCIMENTO, E. M. **Fonoaudiologia-interface saúde e educação**. In: MARCHESAN, I. R.; SILVA, H. J.; TOMÉ, M. C. Tratado das especialidades em Fonoaudiologia. São Paulo: Guanabara Koogan, 754-761, 2014.